



## **MS06: Três propostas metodológicas de pesquisa com História Oral: diferentes caminhos analíticos**

### **Uma proposta de análise de pesquisa em História Oral: narrativas de narrativas e a “Frisa do Tempo” nos Ginásios Vocacionais**

#### **A proposal for analysis of research in Oral History: narrative narratives and the "Frisa do Tempo" in Ginásios Vocacionais**

*Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura*<sup>1</sup>

#### **Resumo**

Neste artigo apresentamos uma proposta de análise realizada numa pesquisa de doutorado que teve por objetivo central estudar os Ginásios Vocacionais: uma experiência de ensino público paulista da década de 1960, com um olhar voltado ao ensino e à aprendizagem da matemática. A metodologia utilizada foi a História Oral. Essa modalidade de pesquisa qualitativa proposta no Ghoem (Grupo de História Oral e Educação Matemática) tem percorrido algumas etapas estabelecidas, mas não fixas ou fechadas, já que pensamos a metodologia como área teórica em permanente construção e avaliação. Dentre essas etapas focamos, para essa apresentação, a forma de análise trabalhada durante esta pesquisa. Para o estudo foram realizadas entrevistas que aliadas a outras fontes possibilitou compor uma narrativa histórica dos Vocacionais. A forma e o processo de produção, criação e elaboração dos textos analíticos, apresentados na tese, são partilhados neste texto.

**Palavras-chave:** “História da Educação Matemática”. “Historia Oral”. “Narrativas”.

Neste artigo apresentamos uma proposta de análise realizada durante a pesquisa de doutorado intitulada “Ginásios Vocacionais: estudo narrativo sobre uma proposta educacional da década de 1960” desenvolvida na Unesp - Campus de Rio Claro-SP sob a orientação do Prof. Antonio Vicente Marafioti Garnica.

### **Os Ginásios Vocacionais: um breve panorama**

<sup>1</sup> Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Rio Claro-SP, Professor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ibitinga, Brasil. e-mail: elizfurquin@gmail.com.

Os Ginásios Vocacionais foram uma iniciativa educacional pública paulista de ensino secundário implantada em 1962 e extinta em 1969 durante a ditadura militar. Eram, ao todo, seis unidades escolares, uma na capital e as demais espalhadas pelo interior. A literatura disponível aponta que essa foi uma experiência com características peculiares: adotava-se a democracia como prática pedagógica, havia baixo índice de reprovação e evasão, grande participação da comunidade, dos pais e alunos nas decisões gerais; defendia-se a integração entre teoria e prática com ênfase nos Estudos do Meio; buscava-se a formação integral do indivíduo; davam ênfase ao trabalho em equipe, aplicavam-se diversas técnicas pedagógicas e práticas de avaliação diferenciadas e o currículo era planejado respeitando o contexto das unidades.

Tinham uma proposta curricular inovadora, à época, em diversos aspectos: proporcionavam ao aluno conteúdos teóricos associados aos conteúdos das disciplinas práticas por meio de diversificadas estratégias didáticas. Os alunos tinham, além das matérias convencionais, disciplinas que, para a época, eram novidade, como Artes Industriais, Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas, Educação Doméstica, Educação Musical, Educação Física e Artes Plásticas; com diferenciações em suas unidades.

Os Ginásios Vocacionais vão herdar os conflitos resultantes da conjuntura política da época, marcada pela pressão por mudanças na educação e pela efervescência dos movimentos sociais. No dia 12 de dezembro de 1969 todos os Ginásios foram tomados pelo Exército e Polícia Militar numa ação conjunta. Há filmes, imagens, relatos sobre este momento histórico da educação brasileira. O Sistema Vocacional após esta intervenção é extinto da rede pública de ensino estadual. Alunos, professores, diretores, técnicos e funcionários do extinto SEV foram indiciados em processos policiais militares, ocorrendo prisões, devassas em suas casas e aposentadorias compulsórias. (CEDIC, 2014)

Essa experiência educacional nos diz de um momento singular da história da educação paulista em determinado contexto e momento histórico, político, social, econômico - a década de 1960. Tratamos na tese do surgimento, implantação e extinção dessas seis escolas que acabam sendo fechadas de forma abrupta após nove anos de existência, analisando desde aspectos estruturais e pedagógicos com um olhar voltado para o ensino e aprendizagem da matemática, como também abordamos possíveis influências, nesse movimento, do contexto ditatorial vigente no país.

Apresentaremos neste texto, especificamente, um recorte da pesquisa, que trata do processo e da forma como foram elaboradas as análises sob a perspectiva metodológica da História Oral tal qual vem sendo praticada no Ghoem (Grupo de Pesquisa, História Oral e Educação Matemática) e que acabaram por ancorar uma narrativa histórica sobre os Ginásios Vocacionais Paulistas.

### **Dos pressupostos teóricos metodológicos da pesquisa: história e história oral**

Muitas vezes, no decorrer dessa empreitada, nos deparávamos com a seguinte pergunta: “Qual sua linha de pesquisa?” Não tinha uma resposta pronta, e isto causava-me certo incômodo, pois uma resposta, qualquer que ela fosse,

remeteria a um fechamento que, na verdade, inexistente. A instabilidade de não ter passos e caminhos pré-determinados gera uma insegurança difícil de controlar quando estamos em processo, mas é uma estratégia criadora, o que não significa, no entanto, que seguimos a esmo. Isso quer dizer que nos deixamos contaminar pelo objeto numa comunicação fluida entre aquele que interroga e aquilo que é interrogado. As interferências são mútuas.

Assumimos que historiografia é uma “invenção do passado feita por alguém cujos pés estão fincados no presente, registro também dos inúmeros futuros que um passado comportava” (Garnica, 2015).

Somos pesquisadores imersos num contexto específico entrecortado por espaço e tempo. Lançamos nosso olhar ao passado, para uma época e lugar em que não estivemos, mas que construímos a todo o momento. Interrogamos os vestígios, as memórias, os rastros, os silêncios de experiências e como elas foram possíveis; quais mecanismos permitiram sua permanência, o que motivou ou forçou alterações num determinado cenário.

Não fazemos história de sujeitos e objetos já dados, pré-existentes: como pesquisadores nós os produzimos, os fazemos existir. Os objetos e os sujeitos não estão meramente disponíveis no mundo, cabendo ao pesquisador se aproximar deles tanto quanto possível. Eu, pesquisadora, os produzo à medida que os interrogo, em que me lanço, e minhas criações são fundamentalmente históricas.

Ao historiografar produzimos novas imagens, novos mundos, narrativas que podem nos permitir pensar um futuro diferente. Queremos mostrar a partir deste passado, que invento o quão diferentes já fomos e o quão diferentes podemos ser (Albuquerque Jr., 2007, p. 139).

Tratava-se de olhar para um movimento, um tempo, uma prática em suas diversas formas de se manifestar, de se presentificar de variadas formas pelos sujeitos.

Foi relevante assumir

que o passado se presentifica de vários modos, a partir de vários olhares; de apostar na perspectiva de que o passado é uma leitura (e uma leitura do presente, uma criação/ invenção do presente), mas uma leitura e uma criação tornadas possíveis a partir de múltiplas perspectivas que devem vir à cena como que para esboçar um jogo entre perspectivas que têm duração, o que leva tempo. (Garnica, 2011, p.225)

Ao assumir os procedimentos da História Oral questionamos métodos que são uma mera enunciação de passos e regras a serem seguidos. Prezamos por uma metodologia em exercício, que expõe e se expõe a críticas, considerando que não há procedimentos prontos, fechados e definitivos: a metodologia se define e ganha contornos ao caminhar. Ao caminhar, traça-se o caminho.

A metodologia de pesquisa é sempre um exercício, um fazer em trajetória e não uma mera e simples aplicação linearizada que nos permite passar por etapas em procedimentos mecanicamente implementados. Os referenciais que amparam a opção pelos procedimentos, que amparam o acesso inicial ao campo que a pesquisa pretende explorar e amparam as análises, não se apartam: completam-se e potencializam-se. (Martins-Salandim, 2012, p. 51)

Destacamos que tanto fontes orais quanto fontes escritas foram mobilizadas nesta pesquisa considerando suas naturezas distintas, sem atribuir graus de valoração ou classificação entre elas: optou-se pela não hierarquização entre fontes, o pesquisador cuida para que não haja julgamentos de valor; servimo-nos de variadas fontes desde que, segundo nosso olhar, elas nos possibilitassem gerar compreensões, interpretações, criações acerca do objeto de estudo.

Ao adentrar nestas searas não buscamos trazer “a” história da experiência educacional - os Ginásios Vocacionais -, mas procurar vestígios que nos dissessem sobre como ela foi constituída, como ela foi possível, como chegou até nós, e por quais interesses ela foi documentada. Essa experiência, como tantas outras desconhecidas ou pouco conhecidas, esteve fadada a se perder no tempo não fosse o imperativo pungente – autoimposto por grupos e pessoas que se viam, de alguma forma, ligados ao Sistema Vocacional – de manter acesa a chama dessa história. Foi após a abertura política do país que espaços foram sendo conquistados, abertos, desbravados para o registro, organização e exposição dessas memórias. Esse movimento vai acontecer, principalmente, ao final dos anos oitenta, quando surgem diversos trabalhos e pesquisas nesta direção.

Assim, entendemos a experiência dos Ginásios Vocacionais não como uma experiência educacional esquecida que precisa ser salva, reproduzida, refeita, reaplicada. Entendemos a experiência como “uma fissura no silêncio, silêncio a que está condenada a maior parte dos seres humanos e de suas experiências neste mundo”. (Albuquerque Jr., 2007, p.139).

Esta pesquisa voltou-se para o ensino e aprendizagem da Matemática, buscando contribuir para a História da Educação e da Educação Matemática no Brasil ao analisar as narrativas registradas. Não se pretendeu estabelecer a verdade sobre a história dos Vocacionais, nem a verdade sobre o ensino e aprendizagem da Matemática, mas questionar o próprio conceito de verdade, muitas vezes cristalizado e aceito como se fosse unívoco.

Neste processo pretendíamos, ainda, constituir e divulgar um modelo de educação alternativo e possível que, ao final, retrata possibilidades que a pesquisadora vê para a Educação Matemática.

## **Sobre as fontes**

Contatamos pessoas e promovemos encontros previamente agendados em variados contextos para a realização de entrevistas gravadas que foram posteriormente transcritas. Entrevistamos doze personagens dessa trama que vivenciaram, seja enquanto professor, aluno, diretor, orientador educacional em um dos seis Ginásios criados em São Paulo e no interior, respectivamente nas cidades de Americana, Batatais, Rio Claro, Barretos, e São Caetano do Sul. Também buscamos por documentos que “sobreviveram” e fontes escritas das mais variadas sobre os Vocacionais.

Assim, tivemos num primeiro plano, as fontes orais, registros de entrevistas, mas também as fontes escritas, documentos do Cedic<sup>2</sup>, documentos pessoais,

---

<sup>2</sup> Cedic – Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”- PUC\_SP.

fotos, desenhos, papéis, documentos do acervo da GVive<sup>3</sup>. Em um segundo plano – mas não menos importante – nos pautamos em fontes iconográficas, mapas, fotos, plantas de arquitetura, que nos levaram a reconstituir um cenário, com os trajes, veículos, uniformes, posturas de um local e uma época que nos diziam dos modos de ser dos atores desse contexto e do próprio contexto. Desse modo, fontes orais, escritas, iconográficas complementam-se e têm como função tornar o objeto de estudo mais acessível ao consideramos todas as fontes legítimas, sem hierarquização entre as legitimidades.

Toda fonte guarda em si características da subjetividade de quem a constituiu, mas a constituição das fontes pelos parâmetros da História Oral permite que o pesquisador participe de modo vital desse registro da subjetividade, que compartilhe com os interlocutores as condições da produção dos registros e que por isso possa explicitar, a seus possíveis leitores, as negociações, idas e vindas, circunstâncias, familiaridades e afastamentos desse momento de captar e prender, pela escrita, aspectos de sua subjetividade que o narrador julgou adequado compartilhar. (Martins-Salandim, 2012, p.61)

Procuramos resíduos em arquivos e documentos que, ao longo do tempo, foram transportados, dispersos, aglutinados, transformados, produzidos. “Mais do que testemunhos de uma vida, estes documentos são testemunhos de uma morte, de um esmagamento pelo poder.” (Albuquerque Jr., 2007, p. 146)

Nossos depoentes foram professores e pesquisadores que, ao longo de suas vidas, conquistaram espaços para a divulgação de suas obras, pesquisas ou trabalhos em diferentes instituições. Em sua maioria, professores da década de 1960. Outros, vinculados a esses professores, hoje também são professores, personagens que, de certa forma, apesar da extinção do Vocacional, permaneceram e se destacaram em seus passados e presentes por essa vinculação com os Vocacionais. Fazem parte dos que, segundo Chiozzini<sup>4</sup>, constituem uma memória coletiva dos Vocacionais, atores que prezam por essa memória e, ao final, mantêm e promovem uma memória sobre esses Ginásios.

No movimento de pesquisa qualitativa assumimos que o pesquisador não é imparcial ao criar fontes, ao criar histórias, mas buscamos, mesmo cientes de no limite estarmos fadados ao fracasso, nos situar além das nossas paixões, conceitos e pré-conceitos.

As investidas nos documentos corroboram não para dar mais veracidade à história ou aos “fatos”, mas para estabelecer conexões entre elementos que nos permitam afrontar discursos naturalizados. Os documentos nos deram pistas, reafirmaram, destoaram, afrontaram ou corroboraram os relatos registrados nas entrevistas. A relação entre documentos e depoimentos é como aquela entre peças flexíveis que se moldam, transformando-se em outras formas que, muitas vezes, suscitam novas perguntas. Mais interessantes do que as possíveis respostas assertivas, nos eram caras as perguntas – as nossas e as que víamos aflorar, explicitamente ou não, no discurso dos próprios depoentes.

---

<sup>3</sup> GVive – Associação de ex-alunos, ex- colaboradores e amigos do Sistema de Ensino Vocacional do estado de São Paulo.

<sup>4</sup> Daniel Ferraz Chiozzini foi um dos colaboradores dessa pesquisa. “filho de professores do Ginásio Vocacional de Americana e pesquisador dos Ginásios Vocacionais. É Professor do Programa da Pós-Graduação em Educação: História, Política e Sociedade da PUC-SP.  
[www.enaphem.com](http://www.enaphem.com)

Houve um espaço temporal de um ano e cinco meses entre a primeira e a última entrevista. Com isso – resultado não de decisões conscientemente planejadas, mas das circunstâncias – houve tempo para maturar, transformar, conhecer e entender os Vocacionais de diferentes modos. A cada momento de entrevista éramos um dado ao acesso aos documentos e leituras diversificadas sobre o tema. Fomos vários, tanto quanto foram diversos os momentos em que a entrevistadora/pesquisadora teceu essa sua história junto a uma perspectiva histórica sobre os Vocacionais.

O roteiro, assim como as entrevistas, teve um caráter dinâmico ao se reestruturarem continuamente. Daí os diferentes modos de se comportar ao entrevistar e textualizar e que acabam sendo explicitados na pesquisa.

As entrevistas foram encontros únicos, singulares, e nos propiciaram criar narrativas a partir dos relatos das experiências que os depoentes decidiram compartilhar e produzir conosco. Elas nos permitiram criar nossas próprias histórias, inventadas a partir daqueles depoimentos e de outras tantas fontes.

Cuidamos para estar atentos, neste processo, a algumas crenças arraigadas e a formas de pensar a História:

A voz e o olhar do pesquisador que organiza, pensa, dirige e, portanto conceitua toda a ação do registro se mistificam ao se alçar ele à condição de alguém que dá voz ao outro, que permite ao outro se mostrar tal como ele foi ou é, que permite que o passado ainda viva no presente, através daquelas pessoas que seriam, assim, fora do tempo, a-históricas, suspensas num tempo, também mítico, e testemunhas vivas do tempo que se foi. O pesquisador constrói uma dada leitura da memória dizendo deixar a memória falar, alegando resgatar uma dada memória que, ao invés de ser também uma elaboração a partir do presente, mesmo entre as camadas populares, aparece como sendo uma memória anterior ao presente, quase atemporal. Não se resgatam memórias, constroem-se memórias. [...] a relação do presente com o passado não é uma relação de identidade, continuidade e espelhamento. [...] quando uma atividade de passado é reencenada no presente ela não vem à cena tal como foi, ela vem à cena, conforme as condições e o contexto do presente que a fazem ser, de saída, distinta. O reencenar não é encenar tal como era anteriormente, mas é trazer uma nova cena, pois se nada mais tiver mudado, pelo menos o tempo será outro. (Albuquerque Jr., 2013, p. 227-230)

A entrevista trata distintamente de cada um dos depoentes, permitindo a eles que se apresentem, se autoanalise, rememorem.

Apesar do roteiro enviado ser o mesmo para todos os entrevistados, o valor dado às questões e enfoques variam de depoente a depoente. O enfoque a um tema ou questão durante a entrevista é dado pelo entrevistado, não pelo entrevistador. Mesmo que tenhamos inserido perguntas diretas, e reestruturado temas quando elaborando as textualizações, o tom vital de cada narrador manteve-se, ainda que esta pesquisa siga um viés mais temático, voltado para um momento específico da vida dos depoentes: suas experiências em relação aos Ginásios Vocacionais e suas histórias de vida dos colaboradores entrelaçaram-se.

Ressaltamos, dessa forma, a importância do ouvir, do estar atento às diferentes vozes e nuances de sons, do estar atento às múltiplas perspectivas e

modos de interpretar o dito durante as entrevistas e, posteriormente, durante as transcrições e textualizações.

Ao transformarmos a linguagem falada em escrita, a transcrição já será, assumidamente, um vestígio daquele momento evanescente e único. A transcrição diz da experiência, transformando-a. Os textos transcritos e, em seguida textualizados, nos fornecem elementos essenciais para a interpretação e futuras análises num processo de compreensão e interpretação pelo qual o pesquisador se responsabiliza do início ao fim.

As análises, propriamente dita, foram realizadas inicialmente num processo de convergências: agrupamos temas que consideramos comuns às entrevistas apostando que, de alguma forma, estes grupos, funcionando como disparadores poderiam nos levar a compreensões. Essa organização, segundo entendemos, permite a exposição/criação de um Vocacional a partir de um jogo pautado na busca pela correlação entre pontos, linhas e regiões de conexões entre e nas narrativas, segundo um olhar que transmuta, um olhar carregado de teorias, de experiências e vozes que autorizam o pesquisador a dizer desse jeito, nesse momento, o que julga plausível e pertinente dizer.

Ao mesmo tempo em que procedemos buscando convergências entre os vários depoimentos, tentamos também ressaltar as singularidades de cada um deles. Esses foram procedimentos distintos, mas complementares, que ancoraram a criação de uma narrativa.

Olhar para as textualizações em conjunto e individualmente, ao mesmo e em diferentes tempos, produzi-las em parceria com diferentes pessoas, de diferentes lugares, com diferentes histórias é um árduo processo: longo, tortuoso, atento, artesanal.

Os textos foram analisados e interpretados em sua completude única; nas relações e convergências que o pesquisador detectou entre eles; nas pausas e silêncios por entre as falas, que ao serem interpretadas, ganham novos significados atribuídos pelo pesquisador. Estes, aliados aos documentos provocam a abertura de novos pensares e, então, nos possibilitam elaborar um conjunto de textos inter-relacionados, que, conectados a esta trama, culminam nas narrativas propostas no trabalho.

“Esses conjuntos de relações, contudo, não são imanentes aos próprios eventos, existem apenas na mente do historiador que reflete sobre eles” (White, 2001, p.111). Existindo na mente do pesquisador, que atribui sentidos a partir de leituras, de vivências e reflexões, um conjunto de relações é, então, criado e inventado intencionando pensar, de novas formas, problemas antigos.

## **Narrativas, memórias e modos de narrar**

Tomamos o conhecimento, a história, assim como as narrativas, não como espelhos e imagens fiéis deste mundo, mas chaves que nos abrem portas para possíveis mundos.

Temos mobilizado as narrativas em nossas pesquisas entendendo-as tanto como formas de expressão quanto como método de exploração para a produção de

significados. Buscamos, com as narrativas, explorar diversos olhares sobre situações históricas e, a partir delas, ampliar os significados sobre elas. (Cury, Souza & Silva, 2014)

Garnica (2015, p. 183) afirma que a narrativa é “discurso, forma originária vinculada à possibilidade de ser, e sua manifestação é um emaranhado de sensações e enunciados nos quais personagens circulam em meio a cenários perpassados por alguma temporalidade.”

Podemos dizer que os seres humanos, em sua relação com os outros e com eles mesmos, não fazem mais que contar, imaginar histórias, ou seja, narrativas. Trata-se, então, de um modo básico de pensamento, de organização do conhecimento e da realidade. As próprias culturas são configuradas e expressas por meio de narrativas que, há tempos têm servido para dar uma identidade aos seus membros. (Bolívar, Domingos & Fernández, 2001, p. 04, tradução nossa)

O “conhecimento narrativo, em paralelo a outras ciências sociais, pressupõe que a linguagem não se limita a representar a realidade, mas constrói os modos pelos quais os humanos dão sentido a suas vidas e ao mundo.” (Bolívar, Domingos & Fernández, 2001, p. 07, tradução nossa)

Estruturas narrativas constituem, portanto, o marco pelo qual os seres humanos dão sentido ao seu mundo. A narrativa tem, segundo Bolívar *et al* (2001), duas grandes funções: fornecer formas de interpretação e proporcionar orientações para a ação.

Tomando as funções enunciadas por Bolívar pudemos interpretar e criar novas histórias a partir das nove histórias criadas e elaboradas em parceria com os depoentes.

Almejamos, numa ação criadora, um reaprender a ver o mundo, ressignificá-lo, reinventá-lo, pois entendemos o mundo como uma eterna criação e eterna mutação (Garnica, 2014, p. 44).

Estes termos podem ainda causar certas dificuldades quando tratado nos meios mais ortodoxos e tradicionais de produzir historiografia. A verdadeira historiografia, proclamam, é aquela pautada nos documentos e fontes confiáveis, muitas vezes, uma história sem vida, na qual personagens são tratados como objetos.

Não deveríamos minimizar o poder das histórias para moldar a experiência cotidiana como, simplesmente, mais um erro em meio ao esforço humano para encontrar sentido no mundo, coisa que os cientistas cognitivos vez por outra costumam fazer. [...] a narrativa, incluindo a ficcional, dá forma para as coisas do mundo real e, muitas vezes, oferece credenciais de acesso à realidade. (Bruner, 2014, p.17-18)

Pautados nesses pressupostos trazemos e disponibilizamos histórias narradas por cidadãos e cidadãs comuns, com nome e sobrenome, entrevistados em dia, data, hora e local determinado, com funções determinadas e explicitadas nestes espaços escolares que estudamos.

A memória é falha e lacunar, afirmam alguns. A memória, porque caótica e sujeita a interferências, não seria crível? “Memória e palavra, no fundo inseparáveis,

são a condição de possibilidade do tempo reversível. Eu me lembro do que não vi porque me contaram. Ao lembrar, re-atualizo o passado, vejo, historio o que outros viram e testemunharam.” (Bosi, 1992, p.28)

Narrativas orais e escritas são carregadas de intenções. Isto nos levava a pensar novamente nas tentativas de desnaturalizar, de desmistificar e dispersar conceitos. Chama-nos a atenção o fato da aparentemente leveza e ingenuidade no ato de narrar, de contar histórias, algo tão comum em nossas práticas cotidianas. Narrativas não são apenas práticas cotidianas inocentes, narrativas não são do campo literário apenas, narrativas são discursos constituintes.

Não é uma pretensa verdade de uma experiência passada que almejamos quando produzimos narrativas. Aliás, muitas vezes, devemos instaurar o distanciamento e o esquecimento deste passado que nos assombra e se cristaliza em formas aceitas e que estão ainda, insistentemente, entre nós.

As narrativas se relacionam às circunstâncias. “Disso não decorre que as coisas inexistem, mas que as coisas só têm sentido quando costuradas por uma narrativa. Assim, a narrativa é um discurso constituinte e não mera forma de comunicação de realidades preexistentes.” (Garnica, 2015, p. 182)

É, portanto, desse modo que vemos a vinculação entre história, narrativas e história oral.

## Da arquitetura dos textos analíticos

*Não há uma análise, mas várias análises: há (im)possibilidades. (Garnica, 2014, p. 125)*

Possuíamos análises parciais, rústicas na sua forma final de apresentação. Em um processo artesanal: faltava refinamento e acabamento. Dessa forma, apresentamos um texto para o Exame de Qualificação que se assumia como inacabado em muitos pontos. A principal tarefa após essa avaliação foi pensar uma estrutura para os textos analíticos que compunham, em suma, essa narrativa apresentada como tese de doutorado. Qual a forma final “ideal” de apresentá-la? Como costurar, numa única trama, todas as narrativas que a possibilitaram? Como alinhar esse quadro que “totaliza seus componentes ao constituir-se, mas é sempre um todo fragmentado, como um caleidoscópio onde a multiplicidade gera novas totalidades provisórias a cada golpe de mão” (Gallo, 2000, p.55).

Metaforicamente, tratava-se de elaborar uma colcha de retalhos que, quando vista, é uma peça aparentemente completa e estática, mas cujos componentes, se detidamente observados, têm no caótico sua beleza, têm no movimento sua contribuição para aquele conjunto (aparentemente) tão uniforme. Tínhamos isto em mente, faltava-nos expor e materializar essa produção, certos de que nos iriam escapar muitos elementos, certos de que uma experiência só pode ser comunicada em fragmentos. Precisávamos arquitetar um fluxo, uma coesão ao texto. Tínhamos a tarefa de criar um todo que na mente do pesquisador já existia como ideia idealizada, mas que ainda seria necessário tomar consistência física, exposto em documento, marcado pelas palavras, timbrado em papel.

Assim, após o Exame de Qualificação pensamos em uma arquitetura para a tese partindo de um olhar atento para os apontamentos e sugestões da banca examinadora.

E optamos pela “Frisa do Tempo”<sup>5</sup>.

Essa proposta, ainda que perigosa por poder evocar uma concepção de História progressiva, contínua, sem lacunas e desvãos, nos pareceu poderosa tanto por evocar uma prática usual nos Vocacionais quanto pelos conflitos que ela fazia surgir. Tais conflitos estão radicados na necessidade de tornar linear algo obviamente caótico, feito de idas e vindas, sem engessar o fluxo que pulsa nas entrelinhas de toda narrativa.

Esses conflitos – sejam os conceituais, relacionados às concepções de historiografia que defendemos, sejam os técnicos, que dizem da necessidade de dominar a linguagem de modo a permitir que o texto implique criação e problematização, cativando o leitor – pautaram esse procedimento aparentemente simples e trivial (deixar-se guiar pela temporalidade do relógio, como na História guiada pela cronologia) que, em sua execução, não foi nada simples e nada trivial: valer-se da temporalidade do relógio, da cronologia estática, tirando proveito dela, sem, entretanto render-se a ela. Os tempos e vozes não puderam, numa primeira visada, de sobrevôo, ser simplesmente hierarquizados. Definitivamente, nossos tempos, os tempos dos colaboradores, os tempos das e nas narrativas, os modos de narrar não se apóiam na temporalidade do relógio, na dimensão *Chronos*<sup>6</sup>, no tempo privilegiado pela ciência moderna, regido por uma lógica formal. Os tempos da memória, cujas raízes estão fincadas nas narrativas, são caóticos, compostos por *flashes*, vãos e desvãos, lacunas, inconsistências, descontinuidades.

Como tratar dessa ambiguidade teórica? Como inventar uma história, seguindo o cronológico, que não apagasse os rastros incertos do tempo da memória, dos modos de dizer? Como reencenar e reencantar “a história, múltipla, heterogênea, contraditória, como os desvãos e largos batentes onde as criaturas se abrigam e se escondem, permanecendo, contudo, no aberto das ruas...ou quem sabe, para poder ficar nas ruas...”? (Bosi, 1994, p.30)

*Se me permite usar a metáfora, você faz um penteado dos Vocacionais mostrando para nós os momentos de embaraço e deixando vários fios que parecem não aceitar seus fixadores. Sua proposta, talvez, se aproxime da de Walter Benjamin de praticar uma história a contrapelo, passar a mão nos fios que desenham a história e fazer ver outros fios ou os mesmos em novas posições. Assim a Frisa do Tempo permitiu lidar com as nuances e elaborar uma narrativa “plausível, justa e honesta” com a sua metodologia, com o seu*

<sup>5</sup> A expressão “Frisa do Tempo” surgiu no depoimento das senhoras Cecília Guaraná e Lygia Tibiriçá. Elas contam como, no Ginásio Vocacional de Americana, usavam essa estratégia didática para estudar História e Geografia: era confeccionado e exposto na parede da sala de aula de Estudos Sociais um painel, uma linha, na qual professores e alunos inseriam as datas e acontecimentos, em ordem cronológica, e à medida que se aprofundavam num determinado tema, acrescentavam detalhes e informações no painel permanentemente exposto. Frisa do Tempo foi um dentre os vários recursos didáticos usados nos Ginásios Vocacionais. Trata-se, em resumo, de linearizar o tempo, registrando, numa linha contínua, eventos julgados significativos.

<sup>6</sup> *Chronos* é o tempo como mais comumente concebido: um tempo linear, uma sucessão de eventos numa linha. Nossas compreensões, com o desenvolvimento desta pesquisa, ocorreram de modo descontínuo, sofreram avanços, revezes, retrocessos, vazios. Mesmo cientes de estarmos num movimento ditado por um tempo *kairos* – o da memória de nossos depoentes, “aquele da percepção da experiência, da experientiação, do tempo descontínuo, sensual, vertiginoso da memória” – , optamos por obedecer, aqui, a um tempo *Chronos*, “preestabelecido pela civilização do relógio” (Garnica, 2015, p. 182-3).

*modo de pensar a produção da história e, principalmente, com os seus colaboradores. (Filipe Santos Fernandes)*

Algumas premissas fundam essa nossa tentativa de análise: não entendemos as coisas do mundo como preexistentes, elas só existem à medida que as interrogamos e nos voltamos a elas, desejando conhecê-las. Na procura por respostas construo interpretações e compreensões, instaurando realidades. Espaço e tempo são inerentes à experiência, estão imbricados apesar de serem comumente tratados e definidos como entes distintos e separados. Consideramos ser “preciso fundá-los para compreender a vida, ao mesmo tempo em que a vida dá elementos para que espaço e tempo sejam fundados e refundados.” (Garnica, 2015, p.17)

Reiteramos que a tarefa de elaborar essa Frisa do Tempo não foi fácil, dado o grande número de informações, as nuances, lacunas e diferenciações que nos chegaram dos vários textos com os quais tomamos contato, dos diversos discursos sobre os quais nos debruçamos. Mediamos temporalidades. Eu, pesquisadora, narro com pés fincados no presente, com olhos e atenção voltados ao passado. Esta é a uma maneira, singular, única, uma tentativa de compreender-interpretar a história dos Vocacionais no que tange à sua idealização, à sua implantação e à sua extinção. Nesta imersão, descobrimos variados caminhos, bifurcações possíveis, elos, vertentes, significações, diversos elementos foram considerados relevantes, seja por mim, seja por outros que já estudaram o tema e que mereceram, segundo nosso ponto de vista, destaque. Tiveram especial relevância, para nós, não os discursos que imperam pela insistência com que são repetidos, mas aqueles cujo sentido nos possibilitou desnaturalizar narrativas cristalizadas, fabricadas, construídas pela memória coletiva ao longo do tempo.

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. Quando sentimos necessidade de guardar os traços de um amigo desaparecido, recolhemos seus vestígios a partir do que guardamos dele e dos depoimentos dos que os conheceram. O grupo de colegas mal pode constituir um apoio para sua lembrança, pois se dispersou e cada um se integrou num meio diverso daqueles que conheceu. Como salvar sua lembrança senão escrevendo sobre ele, fixando assim seus traços cada vez mais fugidios? (Bosi, 1994, p. 408-411)

Perguntamos, junto à Ecléa Bosi (1994, p. 406): “Quando relatamos nossas mais distantes lembranças, nos referimos, em geral, a fatos que nos foram evocados, muitas vezes pelas suas testemunhas. Pode-se recordar sem ter pertencido a um grupo que sustente nossa memória?”

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo nossas ideias não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. (Bosi, 1994, p. 407)

Um passeio por algumas expressões artísticas da época em que funcionaram os Vocacionais ajudaram a compor uma narrativa menos árida. Queríamos instigar, injetar cor, pintar uma imagem que nos permitisse olhar para centros e margens, evitando preconceitos, aproveitando tudo o que acreditávamos poder criar sentidos

e, com isso, constituir um registro histórico plausível sobre os Ginásios Vocacionais e exercitar, talvez, “uma sensibilidade que tem estado ausente em nosso meio de pesquisa.” (Garnica, 2015, p.12)

Nos registros das análises buscamos seguir por uma estrutura que percorresse como que uma linha do tempo cronológica, desde a idealização, implantação, existência e extinção dos Ginásios Vocacionais, cientes e cuidadosos de que esta seria se, seguida a risca, uma empreitada reducionista, justamente por estarmos num terreno subjetivo, o da memória, dos relatos das experiências vividas por pessoas ao longo do tempo. As lembranças criaram narrativas da década de 1960: uma história dos Ginásios Vocacionais.

O movimento analítico deu-se em todo o desenrolar da pesquisa, diversificadas etapas e patamares que se misturaram em todo o processo. Não foi apenas um subir degraus – houve um subir e descer constante. A criação dos textos analíticos deu-se inicialmente num movimento de convergências entre temas, a luz dos objetivos propostos iniciais objetivava-se criar uma história dos Vocacionais; olhar para os aspectos referentes ao ensino e a aprendizagem da matemática nesses espaços como também perceber efeitos da ditadura militar nesse contexto. Ao mesmo tempo fomos afetados por aspectos particulares, específicos de cada narrativa/narrador – destacamos singularidades nos depoimentos que estiveram ou não corroborados pelos documentos.

Dessa maneira produzimos narrativas rústicas e inacabadas sobre a matemática, os Vocacionais e da ditadura neste contexto. A Frisa do Tempo então surge como uma estratégia criada com o objetivo de unificar, juntar, produzir e dar unicidade a estes textos lacunares, esparsos. A Frisa do Tempo e a opção de estabelecer uma linha do tempo nesta década apresentaram-se como uma possibilidade plausível que nos ajudasse a costurar esses textos e tempos dando uma possível continuidade cronológica uniforme aos acontecimentos. Uma tarefa árdua, interessante, que poderia satisfazer o leitor e por outro lado incomodar o pesquisador ao criar ambigüidades teóricas que foram sempre cuidadas, trabalhadas e explicitadas ao longo do trabalho, descartando interpretações quanto a uma ingenuidade ao se adotar essa opção. Assim a Frisa do Tempo trata-se de um modo de fazer e produzir um formato final do trabalho quanto ao aspecto estrutural de apresentação dos textos analíticos a fim de produzir finalmente... a tese.

## Assim...

*O pajé fez a reza, jogou, acabou com todos os ratos. O rato tornou-se rato de vez, bicho mesmo, o local onde estavam sumiu. O filho morto, que era o marido, que queimara o corpo da mulher, o pajé fez virar raposa. A mulher, a cabeça, virou também raposa, Watiri-Kokoré. O bacurau morreu. A invenção do bacurau ficou, mas ela era mandada pela Djikontxerô. Continua existindo bacurau. É a pele que fica, uma coisa vira outra, como a lagarta vira borboleta. A casca fica. Metamorfoseou-se. Cai a casca. É assim, essa história. (Mindlin, 2014, p. 196)*

Sentimos desilusão ao perceber que nunca correspondemos à imagem primeira, totalizada: há sempre construções, elementos que se esvaem e se mantêm, se esfacelam, se constroem, se reconstroem neste movimento de rememorar, num jogo de esconde-aparece-esconde. Sentimos a derrota, inerente ao viver, pela impossibilidade de compor a experiência passada como um todo, mas, em contrapartida, encontramos fragmentos multifacetados que se

reconfiguravam a cada olhar, a cada vez que se buscou apreendê-la. Isto traz o inesperado, o inusitado, o novo e o frescor. Sempre haverá outras interpretações possíveis, carregadas de (im)possibilidades de compreender.

O que realizamos condiz com esse discurso? Acreditamos que este foi um exercício: buscar uma simbiose entre teoria e prática, na qual aspectos metodológicos imbricam-se e surgem no processo e não num capítulo à parte, estanque, no qual se enunciam todos os passos e procedimentos para logo em seguida serem descartados.

## Referências

- Albuquerque Jr., D. M. de. (2007). *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de Teoria da História. Bauru: Edusc.
- Albuquerque Jr., D. M. de. (2013). *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios.
- Bolívar, A., Domingos, J. & Fernández, M. (2011). *La investigación biográfico-narrativa em Educación: enfoque y metodología*. Madrid: La Muralla.
- Bosi, A. (1992). O tempo e os tempos. In: A. Novaes. (Org.) *Tempo e história*. (pp. 19-32) São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura.
- Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bruner, J. (2014). *Fabricando histórias: direito, literatura e vida*. Tradução de Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz.
- Cedic. Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”. Serviço de Ensino Público Vocacional do Estado de São Paulo. Disponível em: [http://www.pucsp.br/cedic/fundos/servico\\_de\\_ensino.html](http://www.pucsp.br/cedic/fundos/servico_de_ensino.html).
- Cury, F.; Souza, L.; Silva, H. (2014) Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. *Bolema*, 28. (49), 910-925. Rio Claro-SP, ago.
- Gallo, S. (2000). O que é Filosofia da Educação? Anotações a partir de Deleuze e Guattari. jul. 2015. *Revista Perspectiva*. 18. (34), 49-68. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10418/9692>.
- Garnica, A.V.M.(2015). Ceci n'est pas un article: impressões fragmentadas sobre Arte e Educação Matemática. *Zetetiké, Revista de Educação Matemática*, Campinas, 23 (43), 11-32. jan.- jun.
- Garnica, A.V.M. (2015). O pulo do sapo: narrativas, historia oral, insubordinação e Educação Matemática. In: B. S. D'Ambrosio, & C. E. Lopes, (Orgs.), *Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática* (pp. 181-206). Campinas, SP: Mercado da Letras.

- Garnica, A.V.M. (2014). Cartografias Contemporâneas: mapear a formação de professores de matemática. 1. ed. In: A. V. M. Garnica, (Org.), *Cartografias Contemporâneas: mapeando a formação de professores no Brasil*. (pp. 39-66). Curitiba: Appris.
- Garnica, A. V. M.; Fernandes, D. N.; Silva, H.(2011). Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. *Bolema*, Rio Claro-SP, 25 (41), 213-250, dez.
- Garnica, A. V. M. (2011). Memórias de uma escola isolada rural: estudo de um livro de visitas. (1928-1948). *Educação e Sociedade*, Campinas, 32 (114), 69-86, jan.-mar.
- Martins-Salandim, M. E. (2012). *A Interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960*. Tese de Doutorado em Educação Matemática. Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- Mindlin, B. (2014). *Moqueca de maridos: mitos eróticos indígenas*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- White, H. (2001). *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2. ed. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp. (Ensaio de Cultura, 6)